

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Nilton Cesar Alves

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos

São Paulo/SP

2021

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora / Instituição: Kelen Gracielle Magri Ferreira da Etec Carlos de Campos

Levantamento de dados preliminares a entrevista: Kelen Gracielle Magri Ferreira tem como foco a atuação do diretor da escola técnica

Elaboração do roteiro da pesquisa: Kelen Gracielle Magri Ferreira

Local da entrevista: São Paulo (online)

Data: 19 de junho de 2021

Técnico de gravação: Kelen Gracielle Magri Ferreira

Duração: 1 (uma) hora, 17 minutos e 21 segundos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritora: Kelen Gracielle Magri Ferreira

Número de páginas: 29

Sinopse da entrevista

Entrevista realizada para o programa “História Oral na Educação”, projeto “Memórias do trabalho docente” do Centro de Memórias da Etec Carlos de Campos, e para compor material de uma exposição virtual sobre a linha sucessória de diretores e para o artigo: “De Escola Profissional Feminina a Escola Técnica Estadual Carlos de Campos: seus diretores em 110 anos de existência”, com o entrevistado **Nilton Cesar Alves**, por este ter atuado como diretor da Etec Carlos de Campos do Centro Paula Souza. Consultar site da exposição virtual: <https://kelenmagri.wixsite.com/diretorescaca>

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 04 e 05 de dezembro de 2021

Nome da transcritora: Kelen Gracielle Magri Ferreira

Kelen Gracielle Magri Ferreira (KGMF): Boa tarde! Eu Kelen Gracielle Magri Ferreira agradeço o senhor Nilton Cesar Alves por estar recebendo essa entrevista hoje dia 19 de junho de 2021, de maneira online para o Centro de Memória da Etec Carlos de Campos em São Paulo, e que será difundida no Programa “História Oral da Educação” do Centro Paula Souza. Então eu gostaria de iniciar perguntando ao senhor se poderia iniciar essa entrevista sobre a sua trajetória social e profissional, relatando sobre a sua história de vida. Onde nasceu? Onde estudou, o primário até decidir sobre a sua formação profissional, se houve incentivo da família e outros aspectos?

Nilton Cesar Alves (NCA): OK, a história longa, hein!

KGMF: É longa, mas vamos lá!

NCA: Isso aí, eu vou falando você vai me complementando, perguntando se algum elemento ficar de fora. Então boa tarde! Muito agradecido pelo convite e o privilégio poder falar da nossa escola com e tantas trajetórias lindas que a gente sabe que aconteceram de profissionais de alunos e tudo mais. Mas minha trajetória para eu começar, sou paulistano sou penhense, nascido na Penha. Meus pais eram do interior, minha mãe. Eu já não os tenho mais. Meu pai baiano e minha mãe paulista, paulista de Bauru, mas a família do meu pai era toda da região de Araçatuba, Guararapes. Mas depois constituíram família acabaram vindo para São Paulo. Eu sou o quarto dos filhos, eu sou o caçula, então a gente tem toda uma constituição de todos são bauruenses, o restante todos nasceram aqui, em aqui em São Paulo. Então a gente sempre foi da zona leste, sempre teve uma constituição família, costumes da região da zona leste. Hoje eu moro na região Penha, Ponte Rasa, e isso há anos, desde nascido, tenho 54 anos muito bem vividos, graças! Saúde! Então nesse decorrer eu sempre gostei desde a minha infância essa relação da criança com desenho. E eu acabei me descobrindo como um amante do Desenho, eu gostava de desenhar. E foi a partir de conhecer uma vizinha, que ela passava com uma pasta e essa pasta tinha um desenho do Elvis Presley, era uma caricatura do Elvis Presley. Essa vizinha que nós somos amigos até hoje, ela chama-se Débora Abranches e ela estudava Desenho de Comunicação na Carlos de Campos. Então eu: “Que legal, né? Você faz um curso de desenho?” - e ela falou - “Faço!”, “E como você foi para lá?”

– e ela falou – “Minha mãe estudou lá!” e era a dona Ivone Abranches e ela estudou na Carlos de Campos de 56 a 58, onde ela fez Corte e Costura. Tanto é que na casa dela do lado tinha escrito “Ateliê de Costura”, então ela atendia na casa dela. Que era esse princípio das ex-alunas de formar-se e criar um ateliê de costura. Então a Débora, tinha a Derli também, a irmã dela fez Economia Doméstica, enfim. Então eu acabei tendo contato com três! Uma era ex-aluna que era a mãe e as duas que eram alunas do Caca! E eu tinha 9 para 10 anos. E aí eu tinha esse interesse, gostava já e aí comecei a trocar ideias com a família e tudo, frequentar um pouquinho mais a casa era em frente, mas não tinha tanto contato. E aí nessa relação eu estava na quarta para quinta série e só podia chegar no Cacá com o ensino médio, né? ou segundo grau, mas eu sabia que minha família não tinha condições de pagar cursos de Desenho, e aí eu fui e aguardei quatro anos para ir para o Cacá. Então, mas foram quatro anos que eu sabia até chegar a prestar o vestibulinho. Prestei o Vestibulinho fui 44º quarto para estudar de manhã. Só que a relação foi o que? Eu depois resolvi começar a trabalhar paralelo eu comecei a estudar no Caca e com isso eu acabei me transferindo para a noite que não precisava de Vestibulinho, porque a escola estava experimentando para ver se teria público à noite, só para vocês terem uma ideia. Então com 14 para 15 anos, eu entrei no Cacá com 14 anos, e aí completei 15 anos no processo. Quando eu entrei a eram 6 salas no máximo, não tinha mais que isso. Só tinha o curso de Decoração e o curso de Desenho Comunicação e eram 6 salas, bem pouquinho, era pouca gente! E ali foi o meu trajeto durante três anos. Junto a esses meus três anos eu trabalhei em uma engenharia, trabalhei na Temag Engenharia, onde eu tive toda uma cultura organizacional, institucional, agradeço demasiadamente as pessoas com quais eu frequentei, eu trabalhei em 5 anos e meio. Mas fugi, não fui pra Arquitetura. (risos)

KGMF: Era um escritório de Arquitetura? Ou era de Engenharia?

NCA: De engenharia. E a Temag Engenharia na época era só era consorciada com as grandes, Camargo Corrêa, com fazer, fez os projetos da Itaipu. Ei via os projetos da Itaipu, do metrô de São Paulo. Então era uma nata. Eu me sentia privilegiado nessa empresa, ela era uma multinacional. O doutor, a gente chamava de doutor, né? O doutor Milton Vargas, Dr Telêmaco, doutor Henrique Veggui, doutor Milton Vargas era professor da USP durante muitos anos, conselheiro em várias das instituições da área de engenharia. Então, mas eu vivi no meio disso, quando eu saí da Temag, eu trabalhava na Superintendência da Hidrelétrica de Tucuruí, desenvolvido, passava junto, sabia, via os projetos tudo, conhecia todos os engenheiros que iam para a campo. E eu brincava: - “poxa, ninguém vai me levar? Eu vou para Tucuruí também, conhecer!”. Então foi uma escola por ser a área de engenharia

e me deu uma base institucional muito boa, e eu agradeço muito, não poderia deixar de relatar. Tenho contato com muitos deles depois de décadas que eu saí, eu ainda tenho contato, é uma grande família! Então nesses três anos eu fiz a Carlos de Campos, depois eu fui para o superior fazer licenciatura em Artes Plásticas, seguindo a área do Desenho de Comunicação, que eu frequentei no Cacá. E depois de formado, imediatamente, aí eu saí da engenharia porque praticamente profissionais que trabalhavam lá, mesmo na área administrativa, tinham um nível superior e o salário realmente era bom e eles não seguiram as suas áreas. E eu falei – “Eu não quero ser mais um, se eu estou estudando na área da licenciatura e artes é para essa área que eu vou”. Eu pedi para sair e demorei um pouquinho até conseguir me inserir na área educacional, mas eu escolhi ser professor, principalmente a partir dos estágios. Eu sempre fazia aulas a mais no meu estágio, para entender se era o que eu queria, e o meu foco foi entender que como eu estagiei também na área do Desenho de Comunicação, como criar estampanaria, criação, eu via que não se dava muito espaço para a criação, era muita cópia. E eu não concordo, a cópia é um processo, não é um produto em si. Então dessa maneira eu acabei optando em ser professor para poder melhor ajudar as pessoas a terem liberdade de criação. Esse foi meu foco. Porque eu falei: - “aquilo que eu vivenciei de tentar inserir-me na minha área de trabalho e chegar lá tem que fazer cópia e você não ter oportunidade de criar, não é esse é o meu mundo, não é isso que eu acredito. Então sendo professor eu acho que eu vou estimular muito mais a criação, do que estimular a pessoa a ser produtivista”. Então foi minha meta, foi aquilo que eu tirei como referência. E aí com isso aí eu consegui, eu entrei na área educacional pela Etec, hoje Etec Aprígio Gonzaga, não devo temer minhas origens. Minha origem é Aprígio Gonzaga, trabalhei 2 anos como professor de Artes Industriais. A bem da verdade está aqui um dinossauro, (risos), porque eu sou um dos últimos remanescentes das Artes Industriais, porque a Aprígio Gonzaga é uma extensão junto com a Martin Luther King. *** o pessoal do Centro de Memória da GV pra poder cobrir essa sequência. E essa área de Arte Industriais vinha da época ainda do professor Aprígio Gonzaga mesmo, quando diretor da GV do tal do estudo do Slodje, que é uma experimentação junto aos alunos para saber se eles têm aptidão. Então quase seria um curso vocacional e eu dava aula para os pequenos de 10, 11, 12 anos.

KGMF: Olha, bem novinhos!

NCA: Sim! Era ver se eles tinham aptidão.

KGMF: Mas antes do ensino técnico ou um curso prévio ao ensino técnico?

NCA: Isso, um ensino prévio ao Ensino Técnico. Era chamado de “entrosagem”. É um tema que a gente tem que pesquisar muito, eu tento achar, não encontro próprio Centro Paula Souza, você procura e não tem. E isso faz parte dos arquivos da Secretaria da Educação, então chamava-se “entrosagem”, então por isso dava-se essa aula de Artes Industriais, os alunos tinham: Artes Industriais, Horticultura e Eletricidade. Eram essas três aulas que eles tinham e aí eles veriam se depois eles estariam técnicos nestas áreas. Então Aprígio tem essa história e eu faço parte um pouco dessa história. E quando eu saio para a Aprígio Gonzaga eu fiquei seis meses fora da relação ensino técnico, aí eu consigo voltar. Eu tinha desvinculado da Aprígio, em fevereiro de 1990, e me “revinculo” ao seu técnico em 21 de abril, desculpa 21 de agosto de 1990 à Carlos de Campos. E aí eu acho que eu acesso a Carlos de Campos, a partir de uma desvinculação, o professor Jetro Miranda, ele se desvincula para dedicar-se a uma outra instituição de grande renome dentro de São Paulo, e eu entro para ser professor no lugar dele, um desafio gigantesco, porque substituir Jetro Miranda não é para qualquer um! Não foi fácil, ele era professor de Desenho de Móveis, porque ele é designer de móveis. Na parte da teoria da decoração por ter sido coordenador do curso de decoração por muitos anos e, também da parte de materiais, onde eu fiquei um pouquinho mais a vontade do tridimensional, que era PPTM - Práticas Profissionais e Tecnologia dos Materiais. Então eu entro por essas disciplinas na em Decoração e amplio na licença da professora Edna Santos, que também ela entrou em licença para dar aula de TPC – Teoria e Prática da Comunicação, para onde é o meu vínculo em no curso de Desenho de Comunicação. Mas depois acabei indo também para Desenho Geométrico, acho que inicialmente em Desenho de Comunicação, eu entro por TPC e Desenho Geométrico, aí depois vai ampliando gradativamente. Então essa é a história da minha chegada, um pouco de mim, minha chegada até Carlos de Campos em 1990. E aí começa mais agora, daí para frente mais 30 anos de história. (risos)

KGMF: Mas pelo curso de Decoração na época, chamava que você... (inicia)

NCA: Sim, o curso de Design de Interiores chamava-se Decoração, isso! E às vezes as pessoas têm dúvida, falam “É, você entrou... não entrei por Desenho de Comunicação. Eu tenho que deixar aqui para a história que e eu não entrei por Desenho de Comunicação, eu entrei, professora Maria Ângela Silva que me chama, ela era coordenadora de Desenho de Comunicação, porém a ela ajudava na organização. Quem era professora na época, coordenadora, era a professora Lucimeire Gonzaga, a Meire, também já foi nossa diretora, aqui anterior. E nessa foi, a escola tem muitas mudanças, professor sai e entra e tudo mais.

Então tem a gente conseguiu equilibrar minha chegada até conseguir suprir X aulas, não me recordo, entre esses 2 cursos.

KGMF: Então a partir daí veio toda a história de Carlos de Campos, que você já tinha sido aluno, retorna em 1990 e aí como professor toda uma história, né?

NCA: Quando eu chego, eu ainda me deparei com aquela grande montanha de livros, móveis, no meio do pátio, que virou a grande fogueira, que queimou parte da nossa história, e a gente tem que dizer a quem, não é caça às bruxas. Quando eu entrei era o professor Luís Hipólito que era o diretor, que acabou um pouco do nosso acervo com essas limpezas e organizar ações da Escola. E a partir de um movimento da Escola para requerer dele satisfações do porquê que ele tinha feito isso, ele pede para sair. A partir desse momento, que pessoalmente professora Sueli Teresa, a partir do qual a gente tem “Uma colmeia gigantesca (...)” o mestrado que ela fez em cima da história da escola, nós fazemos uma carta para como instituir, instituição de um Centro de Memória ou de uma Sala de Memória para guardar esses artefatos que eles estavam sobrevivendo. Eu mesmo guardei durante anos algumas coisas no meu armário, com medo de quem estava entrando na direção, de ser mais de uma pessoa acéfala, em dar fim nas coisas. Mas aí existe esse documento no Centro de Memória, principalmente encabeçado pela professora Sueli Teresa, que ela era professora de História mesmo. (Pela qual) eu conversei com ela até hoje, bato papo todos os domingos. Ela mora em Jacanga, aqui no interior de São Paulo, e em breve ela deve estar voltando para São Paulo e deseja continuar contribuindo na escola, mesmo já 20 anos após a sua aposentadoria. Contribuir, ela tem muita coisa para contribuir com a Escola. Então é a partir de 91 que eu começo a interagir um pouco mais com a escola, com um pouco mais de aulas, dando aula em Desenho de Comunicação e Decoração, e aí quando por situações também, a professora Meire estava em um pós parto, tinha bebê, eu acabei assumindo a coordenação. Com um ano praticamente, pouco, eu assumi a Coordenação de Decoração. E no ano de 92, então eu fui a Coordenação do curso de Decoração, o ano inteirinho de 92, e não prossegui em 93 na Decoração, mas fui ser auxiliar de direção na virada porque foi 92 para 93 que nós deixamos de ser Secretaria da Educação, e passamos a ser Secretaria da Ciência e Tecnologia, que não era Centro Paula Souza, tem que deixar bem claro que às vezes é uma confusão histórica. Nós ficamos praticamente um ano sem ser Centro Paula Souza. A gente ficou, tipo assim na incubadora, não só Carlos de Campos, mas outras escolas. Aí não foi opcional, era uma ida sem volta mesmo. E foi um ano de 93, aí entrou em 93 tinha a professora Eliane Andreoli que foi diretora eleita por nós, mesmo não sendo na estrutura que é do Centro Paula Souza hoje. Nós fizemos uma carta de votação, na época foi professor Jaime que ajudou nessa

organização, era professora, arquitetos, professor de física. E nós protocolamos essa carta que nós referendamos a professora Eliane Andrioli como nossa diretora e que gostaríamos que os votos dos pares fossem assistidos para que melhor a gente entendesse a nossa representatividade. E foi feito. Então a professora Eliane estava em férias, no mês de janeiro de 93, e como eu estava ainda muito em atividade, e eu fiquei suprimindo esse papel da direção em janeiro de 93. Então um pouco a minha história diz quem sou e as minhas as minhas investidas. E aí a professora Eliane assume no dia primeiro de fevereiro de 93 e eu tornei ali, sempre dizendo ora a eleita é a professora Eliane, mas tiveram muitas reuniões na COGESP e junto com a Secretaria de Ciência Tecnologia, no mês de janeiro, e nesse período eu fui conhecendo um pouquinho até dos pares de escolas pessoas.

KGMF: Começou a se inteirar em toda essa parte administrativa da escola, né?

NCA: Sim, pura casualidade, juro, deixo bem claro, que eu nunca tive sonho. Meu sonho era estar na escola, simples assim. Não é sonho: – “aí eu quero ser diretor!”. Longe de menosprezar aos que tiveram o sonho e mesmo também os meus quase oito anos na direção a frente, mas não era sonho, eu gostava, sempre gostei de estar na escola. Sem problema nenhum era estar na Escola. E o que precisa para ajudar na escola? É limpar? Juro como muitos de professores, assistentes, quantas vezes a gente limpou a escola por falta de funcionário? Organização da Escola e o teve de enchente? Pegar rodo, vamos lá, vamos enxugar, o aluno vai chegar, o que melhor de condições nós podíamos dar aos alunos. Esse sempre foi o foco. Não era a relação de status, nem a condição *Sine qua non*, não! Eu posso dizer que muitos de nós professores na Carlos de Campos, Cacá sempre tivemos essa linha. Não essa coisa do sonho, sonho de estar ali e continuar contribuindo aí eu digo, pelo menos eu, sendo ex-aluno, dar um retorno. Olha essa aqui é a minha contribuição, porque parte daquilo que sou, é aquilo que eu recebi da Escola. Então esse retorno, é um grande feedback. Então 93 eu fiquei só 6 meses junto com a professora Eliane Andreoli e fui para a sala de aula, voltei na sala de aula, fui ajudar na coordenação, junto com a professora Maria Ângela Silva. Daí para frente ficando mais em aula, sempre Desenho de Comunicação, Decoração, sempre equilibrando. Foi uma das coisas pelas quais eu entendi. Aí com a saída da professora Eliane Andreoli em 95, pós-parto, com licença, o professor Orlando Campos ficou seis meses na direção. Ai em 96 eu estava é também como professor, mas não em nenhuma coordenação, eu já dava aula na prefeitura em concomitância a Cacá. Eu já dava aula desde 93 na prefeitura, eu era professor efetivo, concursado. E então eu me dividia nas cargas horárias. Então em 97, a professora Maria Margarete Campos, ex-aluna de Decoração, foi eleita a partir de 96. Aí ela me chamou para a coordenação. Aí eu peguei dupla coordenação,

fiquei na coordenação de Decoração e de Desenho de Comunicação. A partir de 97, a professora Maia Angela não queria mais a coordenação, estava prestes a aposentar-se, e a professora Meire foi ter com o seu segundo bebê. E aí nisso eu acabei ficando com as duas coordenações nos anos de 97 e 98, acho que foram 2 anos seguidos. Agora tem que lembrar bem, mas aí eu continuei em Desenho de Comunicação e aí a professora Meire retorna para a coordenação e eu fiquei somente com uma das coordenações. Mas o que é interessante é que em 97, nós já estávamos há alguns anos no Centro Paula Souza, partir de 94, 96 que nós estamos concursados, e 97 que nós começamos a seguir as linhas régias do Centro Paula Souza, e um dos primeiros cursos a receber um grande choque foi, em 95, com Desenho de Comunicação, com redução de cursos por causa de evasão e, em 97, o Centro Paula Souza estabelece que o curso de Decoração não tinha, entre procura e formação, uma condição de manter o curso, então era ideia de não abrir mais o curso de Decoração e nós tivemos que, e isso era minha coordenação, nós tivemos que ver por onde ver as estratégias. Então foi, como diz: - “A ameaça e a fraqueza daquele momento criou a grande força e oportunidade”, Foi por onde nós pedimos ao Centro Paula Souza que liberasse então o chamado QP - Qualificação Profissional, Qualificação Profissional 4, se não me engano, e que era esse o que hoje nós conhecemos como Modular, que era um curso de um ano e meio. Aí em 97 começou a primeira turma e isso foi possibilitado então trabalharmos com curso de um ano e meio. Só que no final de 97 para 98 a nova legislação vai tornar os cursos de 1 ano e meio que são os modulares.

KGMF: Antes, de 4 anos ou 3, né?

NCA: Sim, o curso de Decoração de 97 foi o primeiro curso de QP, de 1 ano e meio. Vamos dar os louros a quem pertence, ele entra como QP e se torna modular, mas quando vira Modular, aí todos os cursos técnicos viram, mas quem teve a primeira experiência de adaptação curricular, transformação em curso de um ano e meio foi o curso de Decoração em 97. Aí os outros todos foram juntos. Aí então no ano de 90 além disso então a gente teve 97, 98, 99, 2000 o Centro Paula Souza nessa situação possibilitou a abertura do curso de um ano e meio, nós complementamos um curso de quatro e ainda abrimos um curso de três anos. Nós só mostramos que a gente era capaz.

KGMF: Podia mesmo, sim!

NCA: e que era uma situação sazonal aquela análise. Sabemos que em muitos momentos é o quali/ quanti, então é uma análise muito quantitativa e a gente buscou mostrar análise

qualitativa do que a gente formava. E o Centro falou OK então no momento que até muitas vezes fala-se do Centro Paulo Souza, mas o Centro Paula Souza sempre nos deu ouvidos. Na época era professora Laura Laganá, ela era chefe de gabinete, e ela que fazia o front, vamos chamar assim, porque o chefe de gabinete sempre faz o front para o Superintendente, Marcos Monteiro era o superintendente da época. Então desde antes eu sempre tive contato com a professora Laura, sempre muito parceira, minha admiração plena pelo trabalho dela, sempre. Isso sempre claro, mesmo da época que eu era um coordenador, mas tinha o acesso à professora Laura, ao professor Almério. Professora Laura supervisora, o professor Sebastião, que eram os nossos supervisores de referência. Então sempre tivemos acesso, para deixar claro a relação que a gente sempre buscou com o Centro Paula Souza. A partir de 2000, vamos seguir nessa linha, é isso mesmo?

KGMF: Vamos, vamos nessa! É bom que fica bem detalhado até para a gente saber nessa linha de acontecimentos da nossa Escola. Pode seguir, Nilton.

NCA: Então, em 98, quando houve essa modificação a professora Maria Margarete Campos sai, porque ela vai subir um cargo na prefeitura, e chega uma indicação do Centro Paula Souza da professora Maria Lúcia de Carvalho e ela vem pelo Centro Paula Souza, nós não a conhecíamos, mas tinha feito o processo de qualificação. Então de tínhamos ficado órfãos da professora Maria Margarete, ela sai em abril de 1998, e a partir de maio a professora Maria Lúcia Carvalho assume, e eu era coordenador, então a gente foi dando todos os amparos para poder dar continuidade nos processos. E todo um momento de modificação do CNTC que é um Catálogo Nacional de Cursos Técnicos, as novas legislações. Então todos os coordenadores eram front para poder colocar a escola na organização anterior do curso de 3 e 4 anos para somente os cursos modulares de 1 ano e meio e a transformação do Ensino Médio regular, sem a dualidade conhecer o técnico. Isso eu dei o apoio nessa nova gestão de 98 a 2000, durante 2 anos tive o prazer de trabalhar com a professora Wilma como coordenadora, a professora é Eliana Roda, também trabalhou junto com o Cento de Memória, a professora Márcia Pinto com o Ensino Médio também. Enfim vários coordenadores, professora Meire, que era nossa equipe gestora naquele momento. E aí em 2000 eu fui convidado para compor no gabinete da Secretaria Municipal de Educação, como especialista em Ensino Profissional. Aí eu fui para a Secretaria Municipal na gestão da prefeita Marta e lá que eu trabalhei durante 2 anos respondendo pelo ensino profissionalizante de seis escolas de São Paulo: de todas as escolas a mais conhecida e a Derville Aleguetti. Então trabalhava direto para entender a formação do técnico, dos normalistas, o antigo magistério. Depois em outras escolas, Contabilidade, Administração, Órteses. Então foi muito de enriquecedor

porque eu tinha já uma experiência com o Ensino Técnico no Centro Paula Souza e Carlos de Campos, e fui para lá responder por essas legislações no âmbito Federal, Estadual e Municipal porque eram criadas especificamente para essas escolas. Lá trabalhei em com a professora Marisa Daretsu que era a técnica, eu trabalhei no DOT 1 - Diretoria de Orientação Técnica. Era DOJ-EJA, que era Educação de Jovens e Adultos e o Ensino Técnico no Município era caracterizado EJA, e também porque era o setor que trabalhava com o MOVA, que era o Movimento de Alfabetização de Adultos, certo? e que era a linha de Paulo Freire, aonde eu pude melhor me integrar. Já conhecia a linha Freireana e era um setor que a gente trabalhava para a implantação na cidade de São Paulo do MOVA na gestão da Marta Suplicy. Então tudo isso vai constituindo eu estar trabalhando na Carlos de Campos, Estado, Município e, também acabou dando uma dualidade. Nessa época, eu junto com a professora Sueli Garcia, que dava aula na época na FTA, Faculdade Paulista de Artes. E aí eu fiquei juntamente com a professora Meire, Meire Gonzaga, nós ficamos dando aula no curso superior de Design. E aí nisso foi um outro aprendizado, então eu tinha uma concomitância entre Centro Paula Souza, Município, Gabinete e o Ensino particular. Então foi uma intensidade de aprendizagem.

KGMF: Imagino! E por quanto tempo que você ficou nas três, Nilton?

NCA: Uns quatro anos!

KGMF: Pesado, hein!

NCA: Pesado, é o pesado do Brás! Ó o pesado! E aí quando houve o concurso para a direção da Carlos de Campos, em 2004, aí me candidatei. Não somente eu, mas professora Meire, professor Moacyr, professora Wilma, então tinham vários professores, o professor Pedro acredito também.

KGMF: A maioria que está lá ainda. Todos estão lá.

NCA: Sim, porque no momento a gente: “Vamos tentar? Vamos, mais para ver no que dá.” Para poder deixar uma clareza. Porque quando passamos pelo processo e foi pra eleição aí (tem que deixar claro) era voto de aluno, voto de professor, mas vamos contar para a história por que se não ninguém conta. Nossos votos foram quase votos contados. Então assim a professora Wilma falou: “Eu não posso assumir porque eu tenho os cuidados com o meu filho.” A professora Meire estava com a menina pequena. O professor Moacyr tinha outras atividades

tinha outras atividades com escola. Aí olharam, “Nilton e você?” “Eu tenho aqui e tem a prefeitura”. - E aí, você não encara? - Ai “a gente já passou no processo e tudo bem”; “Então a gente vai construir para que então a maioria dos votos seja para você”. Então era uma coisa foi combinado.

KGMF: Foi meio que conversando ali. E todos já parte ali da comunidade escolar, ali do Cacá.

NCA: Sim, exato. Então a gente ria, não tinha disputa entre nós. Então a professora Meire era candidata, o professor Moacyr era candidato. A gente ria, naquele momento, em que “olha agora se (?)o que é a vai falar com aluno, que fulano está saindo” “E aí como foi para você?” “Nossa, agora vai lá você”. Então na hora do intervalo conversava. Então foi um momento muito gostoso não houve essa relação competitiva, era uma questão de troca: “Nilton, você entra porque nesse momento que você vai suprir o que a gente precisa.”

KGMF: 2004 era o ano, 2004?

NCA: (balança a cabeça de forma afirmativa) Aí fui eleito e assumi a direção a partir do dia 15 de julho de 2004, na primeira gestão e a gente inicia todo um processo de reconhecimento da escola de uma forma diferente. Deixando claro que a gente supre elementos administrativos, mas eu não vim da administração. A gente torna-se um administrador escolar pela necessidade, pelas condições.

KGMF: É uma outra visão, né? É professor ainda mas é uma outra visão.

NCA: E eu passávamos parafrasear a professora Laura Laganá, ela é superintendente e ela nunca deixou de falar: “Eu sou professor, eu hoje cumpro o papel de superintendência, mas eu sou professora.” E esta relação ela sempre levou e era que nós professores diretores, falávamos: - “Eu estou diretor, eu sou professor”. Então isso tem que ficar claro, como postura. E, nessa situação, como uma grande, uma parcela gigante que diretores do Centro Paula Souza. Então comecei a primeira gestão, já então com várias experiências a partir de 2005. O professor Almério ao bem da verdade ele desafia e fala: – “Olha, tem um curso de Órteses e Próteses, e aí? Carlos de Campos tem saúde vocês não querem assumir esse curso?” eu falei “Não vou pensar duas vezes, é agora”. Aí trouxe coletiva coordenadores, como a gente sempre teve reunião e falei – “Olha gente, tem uma oportunidade com o Centro, Carlos de Campos não cresce com cursos há anos. O último curso que entrou foi edificações em 1985 nós estamos em 2005, se passaram 20 anos e a gente nunca conseguia fazer um curso para

escola, é uma oportunidade de a escola crescer. E aí então, lógico todo mundo com um pouco de receio porque “vai trazer, vai tirar espaço de alguém?” “Não, gente, a gente vai trazer”. Então era um curso, era uma experiência pedagógica e o curso funcionava literalmente, praticamente no sábado. Em alguns dias era no finalzinho da tarde, para a noite porque tinha aluno do Rio de Janeiro, de Minas, do Paraná.

KGMF: Nossa, super procurado.

NCA: Sim porque era o único curso de Orteses e Próteses no Brasil e público, que é essa a questão. E mesmo quem oferecia que era no Rio de Janeiro não tinha a mesma estrutura que a gente tinha como escola de saúde. Aí esse curso é prevaleceu de 2005 até 2010, quando formou última turma. Mas não era uma turma de um ano e meio igualzinho, ela tinha uma variável até dois anos porque tinha umas exigências de laboratório, de aulas teóricas e eram muito alunos que já trabalhavam na área.

KGMF: Para se aperfeiçoar? Era uma linha de aperfeiçoamento?

NCA: Isso e ter uma titulação. Então muitos que se formaram conosco eles têm um direito profissional, com uma formação técnica dentro desse período. Então foi a primeira, vamos dizer, ousadia de trazer um curso diferente para escola e saber que cabia. Grande medo eu digo a partir daí. Aí vai trazendo, vai ampliando turma: - “Gente, cabe?”. Então é uma questão de logística. Aí que eu falo - administração com logística faz tudo. Tem totalmente a ver Cuma coisa com a outra. Então a partir, daí 2008 encerra a primeira gestão, que eu fui reeleito. Nesse momento, a gente precisava compor lista tríplice. Professora Meire novamente entra nessa lista tríplice, A professora Wilma já não estava com uma lista tríplice. Tinham outros candidatos. A gente já não teve tanta suavidade como da primeira, um mesmo frescor, vamos chamar. Mas fomos à mesma linha: - “Você continua?” - “Uai, eu continuo, para mim tudo bem, já agora entendi mais ou menos como a coisa funciona, vamos para a frente. Para mim está bom!” Só eu aí eu já tinha um histórico, eu já tinha um arcabouço, não era como de 2004.

KGMF: Já tinha entendido ali como funcionava o processo.

NCA: Exatamente. E aí você começa assumir um caráter mais administrador, você é cobrado para esse aspecto. E daí em 2008, quando eu assumo a gente só tem o Orteses e Próteses somente como um curso diferente, mas aí vêm as novas legislações do Centro Paula Souza, do Governo Federal. E mudanças separações, agrega agora ao ensino técnico e médio

podem funcionar novamente juntos e vai de um nascimento do ETIM e as possibilidades do projeto das Extensões. Então ali foi um marco para as mudanças da política educacional no estado de São Paulo e, principalmente, para o Brasil. Brasil na relação para legislação a partir do Ministério e no Estado de São Paulo nas extensões, abertura de novos espaços de formação profissional sem precisar investimentos em novas construções. Essa foi a grande referência e a professora Laura, nossa *caput*, nossa referência de educação. E com isso ela falou – “Vamos para frente!” e aí nós começamos fazer a implantação das Extensões. Nós tivemos a primeira Extensão, que foi a escola Dom João Maria Ogono, na Penha, com um curso de Turismo Receptivo, que nós estamos com ele praticamente até hoje. Mas também paralelo, a implantação da Presidente Roosevelt, que é na Liberdade com a área da Administração. E aí entrou Marketing, Administração, mas nós também ousamos com um curso de Informática para Internet, mas aí durou somente poucas turmas e nós tivemos somente Administração e Marketing. Então isso foram as meados entre 2008 e 2009 para poder entender. A outra ousadia paralela, foi trazer como curso regular da Escola a Modelagem do Vestuário, que deixamos aqui claro, com o protagonismo da professora Cláudia Stefanelli pelo Cacá, e o professor Wagner pela Rocha Mendes. Então e aí fizemos uma reunião no Centro, fizemos a escrita para a implantação da Modelagem do Vestuário e como também por protagonismo da Carlos de Campos, da professora Hebe Varejão com a professora da Maria Célia para estruturarmos o curso de Cozinha, Técnico em Cozinha. E esses dois cursos que iniciamos um laboratório de currículo e interno, foi dentro da Carlos de Campos os dois laboratórios, não foi pelo Centro imediatamente. Depois quando para ter uma outorga à finalização desses cursos aí expandiu-se. Ok, então outras escolas também têm interesse. Também deixamos aqui claro para a história, que os cursos de Modelagem de Vestuário e o curso de Cozinha, nascem pela iniciativa da Carlos de Campos e o Centro Paula Souza uma vez entendendo e reconhecendo o valor que esse curso teria em outras unidades, expandiu para outras. Então eles começaram juntos, mas foi Carlos de Campos que deu pontapé inicial.

KGMF: Que ano que era, Nilton? Desculpa te interromper.

NCA: 2009.

KGMF: E são cursos que são super pertinentes também com a história da Escola, que tem muito a ver com o que já se fazia desde o início na Escola, não?

NCA: Isso, o curso de Cozinha ele sai de um debate quando nós olhamos os 30 primeiros anos da Escola, que antes de falar sobre nutrição, era uma escola de Artes Culinárias. Então isso abriu o caminho para olhar a parte de cozinha, gastronomia, ela já esteve presente como prática para a Escola, então isso tem a ver com nossa raiz. Então a ideia de trazer os cursos para a Escola era entender as nossas raízes. E o curso de Modelagem do Vestuário não precisava nem dizer, por que a escola nasce como Escola de Corte e Costura e Modelagem e Artes Culinárias, são os cursos que aparecem. Arte Culinária e Economia Doméstica, mas ficou com foco em Artes Culinárias. Então isso foi um resgate à nossa história.

KGMF: Muito legal a iniciativa.

NCA: Então, em 2009 para 10, a gente tem o estabelecimento dos cursos, laboratório de currículo junto com o laboratório de equipamentos e levantamentos, e implanta-se os cursos. 2011 a gente chegou no nosso centenário, mas também parafraseando a professora Laura, ela falou: “a crise das centenárias” porque então a gente teve uma crise institucional, vamos colocar dessa forma. O rumo e que com isso a minha gestão iria até julho de 2012 e, com essa crise interna de cultura institucional e tudo mais, eu fui com a minha gestão somente até dia 16 de dezembro de 2011. Então com isso eu saí seis meses antes. E eu sempre deixei claro: - “Gente, não tenho apego eu estou aqui para colaborar, se a direção por algum motivo não vai mais ao encontro. Eu não fui eleito? OK. Então se não está ao encontro, eu volto às minhas aulas porque eu sou professor, não vim para ser diretor, eu sou professor e amo dar aula.” Adoro a minha prática. E na sequência da minha saída em 16 de dezembro de 2011, aí entra a professora Denise Carrega, que era coordenadora do Ensino Médio, e a professora Laura fez a entrevista com ela e falou:- “Olha, até a próxima eleição segura e foi que aconteceu. Então um pouquinho assim, porque...”

KGMF: Foi ótimo! Foi ótimo! (risos)

NCA: Para poder entender o percurso, né? Com alguns elementos um pouco mais pontuais, outros nem tanto. A gente faz, mas é importante então isso é um pouco da minha história na Carlos de Campos, e eu falo que é uma história de muito mais prazeres, muito mais de momentos bons do que momentos não tão bons. Jamais alguns momentos não tão bons superarão o que eu vivi, ou vivo.

KGMF: Que é uma história ainda viva, não Nilton?

NCA: Ô, quero fazer mais ainda, claro.

KGMF: Eu vou te fazer umas perguntas, claro, você já contou uma cronologia, mas aí só para você ressaltar alguns pontos. A primeira seria qual foi o dentro dessa sua história, qual foi o seu maior desafio enquanto diretor dentro de todo esse universo de situações que você teve. O que foi mais desafiante para você?

NCA: As relações interpessoais com junto aos professores, eu acho que ele é um desafio sem fim. A relação com o aluno sem problemas, gente: - o aluno ele quer o espaço para trabalhar, ele quer fazer festa, evento, ele quer a escola produtiva. Esse é muito o aluno da Carlos de Campos. Ele reconhece o valor que a Escola dá para aquilo que é fornecido. O grande desafio que eu coloquei como professores, aí às vezes para alguém entender essa relação é assim: - o professor também tem os seus sonhos e tem uma relação dele para com o todo. Então você tem um curso, enquanto o diretor precisa preservar a integridade – Integridade - a escola são todos os cursos, a escola não é um só um curso. Então a escola tem vários laboratórios de prática, então não é o Laboratório do curso tal. Então com um curso falava assim: “mas o laboratório do curso”, o laboratório é da Escola pelo qual o curso faz as práticas. Então você vai zelar pelos laboratórios. Então o papel do diretor é zelar pelo todo, mas existe esse zelo do curso pela parte, aí entrava algumas vezes em crises.

KGMF: Ah, imagino. Alguns conflitos com professores e com coordenação.

NCA: Coordenador também, mas assim e uma coisa muito clara a todos os coordenadores. Eu nunca tive pessoal, minha relação é profissional. Então a gente podia ter discordância, não é? Do debate, mas faz parte, é o crescimento, eu tenho um olhar e nunca assim, hegemônico: - “Meu olhar, autocrático”. Lógico que existe momento que você tem que falar existe uma autoridade, mas não autoritário do processo. Mas acho que ainda dentro da nossa história social, dentro da nossa história política muitas vezes quando você dentro do processo democrático e participativo, você usa da autoridade, é visto muitas vezes como autoritário. E não tinha, porque uma coisa é o argumentar para sustentar a minha ideia, a outra coisa é o outro não gostar do debate, não sustentar a fundamentação, aceitar a ideia porque não tem contra argumentação, e aí dizer: - “Ah, ele que mandou fazer, ele disse por que ...”. E eu nunca fugi do debate, quem me conhece sabe muito bem, adoro, aliás, adoro um debate! Porque é filosofar, é filosofia, é você argumentar, é você trabalhar a retórica, a oratória, então isso eu adoro. Só que isso às vezes para alguns incomoda.

KGMF: Com certeza. E são várias personalidades juntas. Realmente imagino que seja um grande desafio. (risos)

NCA: E mesmo com todas as crises, com a crise institucional que a gente viveu e com as situações, OK! Foi sua postura, foi seu posicionamento? Está bom! Mas vamos continuar trabalhando, você é parceiro, você é colega de trabalho, vamos!

KGMF: Separar o profissional do lado pessoal, mesmo né?

NCA: Sim, e aí ninguém pode, isso eu digo, dizer por que eu não tenho... tem várias rugas que possam ter acontecido eu nunca levei pro lado pessoal porque são diferentes profissionais, formações. Então para mim está tranquilo: - então destaco, que o maior desafio são essas relações interpessoais e, que cruzam com as competências profissionais e dizer aqui com o que que vai executar e o que o outro executa, o papel de centralizador. Centralizador, não centralizar “eu domino”. Eu preciso centralizar as ações para entender a escola como grande guarda-chuva. Era essa visão, mas um pouco difícil para alguns grupos.

KGMF: Ah, imagino. Imagino que é realmente a essa parte da gestão de várias personalidades e de várias é vontades realmente não seja fácil na vida de um diretor.

NCA: Imagina a Carlos de Campos...

KGMF: Que é uma escola grande, é uma escola técnica grande, com diversos cursos, muitas pessoas ...

NCA: Exatamente, arte... é complexo. Não é complicado, é complexa.

KGMF: Tem que ter um jogo de cintura ali mesmo para levar. (risos)

NCA: Sim, tem que ter um jogo de cintura. Ainda bem que eu vim da dança, então eu tenho um jogo de cintura.

KGMF: Nilton, e assim o que você dentro de tudo isso, o que você pontuaria como a maior ou as maiores contribuições ou projetos que deixaram sua marca na Escola? Que você fala assim: “Olha isso é a cara do Nilton!”, que ficou marcado e até hoje quando falam: “Olha a

gestão do Nilton é por causa desse feito.” Você já citou algumas coisas aqui, mas o que você considera? Como você considera.

NCA: É assim, eu digo assim, eu fiquei muito feliz quando eu consegui a reforma na Escola. Porque eu acompanhei a reforma de quando eu cheguei à escola e ao acompanhar a reforma de 1992, com a professora Telma Passarelli, e foi uma reforma que a Escola virou um canteiro de obras. Que tinha peão, né, os nossos trabalhadores do canteiro de obras, dormindo porque eles eram é uma empresa no interior. Então tinha dia, que a gente estava trabalhando era férias, a gente até tomava café da garrafa do peão porque não teve tempo de fazer. Então e assim eu estava de férias sempre e eu estava na Escola. Sempre gostei de contribuir, não por estar somente mesmo se fossem outros horários. Depois eu acompanhei a reforma do ano de 2000, 2001 com a professora Maria Lúcia. Aí foi uma outra maneira de entendimento da Escola, que já teve uma pegada com restauro. Então isso eu tentei colaborar da melhor forma possível, mas eu vejo que eu tenho uma situação... E a chegada quando foi em 2009 do pedido... Porque é quase que padrão que as Escolas elas não possam passar de 10 anos sem manutenção, mas não é aquela manutenção daquela verba básica, tem coisa que é do estrutural. Não tem como e você precisa e a nossa Escola por ser uma Escola que tem um prédio patrimônio é diferente.

KGMF: Até se adequar legislações mesmo.

NCA: Exatamente, você tem o código de obras, tem várias situações que vão mudando.

KGMF: Acessibilidade...

NCA: Exato! Então aí tem que deixar aqui claro que a última obra que nós tivemos, eu quase tenho que dizer, foi feita a duas mãos. Porque eu não sei se isso já era reflexo dessa crise institucional, talvez eu não estivesse vendo, mas eu quando passava – “Olha gente, vamos escrever um projeto porque isso aqui não é coisa que se faz no tempo regular.” Então eram coisas que eu tinha que fazer planta baixa vai mostrar, aqui é a planta original, aqui é planta de reforma. Eu não sou arquiteto.

KGMF: Está no meio de vários, mas... (risos)

NCA: Exato, eu frequentei cinco anos de uma empresa de engenharia, mas eu não sou arquiteto, não sou engenheiro. E aí eu tinha que fazer, eu falo que eu montei plantas em *paste up*. Não sei se você sabe o que é *paste up*.

KGMF: Não, não conheço.

NCA: *Paste up* é copiar e colar. Então para eu ter uma planta em tamanho A1 eu tinha que tirar cópia na copiadora da Escola e montar uma planta grande, porque eu falo para vocês eu não sei escala, até hoje. A Meire inconformada. Eu não sei escala, mas eu tinha que desenhar, transformar com as medidas para mostrar o projeto, a parte de criação. Porque eu tinha que vender a proposta. Então essa de vender a proposta, tinha o UIE - Unidade de Infra Estrutura, no Centro e eu chegava com aquelas coisas, tudo coladas. Aí eu ia mas falavam: - "Poxa mas vocês têm o curso de Edificações." "Mas eu não tenho colaborador, desculpa." Eu tenho arquitetos, mas muitas vezes eu pedi alguma orientação, alguma proposta quando não era nem a infraestrutura, era a elaboração, que a gente tem um laboratório de equipamentos. Você é do Paula Souza, na época era Andrea Marquezine que acredito que ainda seja ela que esteja nesse departamento. Conversava muito com ela e falava: - "Olha, o padrão do laboratório é esse." "Ok, me dá aqui, eu vou pegar a medida, vou pegar a cola...". E eu ficava fazendo essas partes.

KGMF: Teve muito suor ali então de você pegar na..., pegar as plantas e colocar a mão na massa mesmo, né?

NCA: Então, eu gostaria muito que algum colega me falasse: "Não, não é verdade o que você está falando." Eu gostaria!

KGMF: Ah, imagina, Nilton.

NCA: Não, mas só porque eu gostaria porque às vezes pode parecer muita "pedância" da minha parte e falar "Pô, mas você não é arquiteto, como que você fez o projeto?" Então foi pegando, então as sextas-feiras, toda sexta-feira durante o pré-projeto, eu subia para o Centro Paula Souza às 4:30 da tarde. Imagina o terror do departamento de arquitetura vendo eu chegar. Porque eu só saía de lá 8h, 8 e meia da noite, 9h. Para poder dizer para eles: "Olha, é isso! Está vendo esse aqui vai esse rascunho? Ai então esse setor, aqui é isso, aqui..." E as junções para a gente adequar os laboratórios, o que era nova regra de laboratório para equipamentos com a reforma da escola. Adequar um projeto de restauro com aquilo que é do

projeto escola. E assim por diante e então foi bem intenso. E aí foi muito, eu falo, engraçado, mas até nessa história... por isso que eu acho que é uma coisa marcante. Foi nessa reforma porque, eu falo da reforma ainda na minha cabeça, tem muita coisa ainda dessa reforma. Algumas coisas foram modificadas: Não elas não são tal qual foram projetadas. O projeto arquitetônico da reforma depois foi modificado na gestão posterior, mas enfim a gente responde até onde estava. E eles haviam eliminado a escada da parte superior, a escada de ferro que a gente tem lá. Com a justificativa de que a laje não sustentaria ser estourada porque era uma laje de colmeia e aí eu pedi para o arquiteto. Eu fiz “Então, mas estava tudo certo.” Aí quando veio para eu avaliar, eu disse: “Não, mas está faltando a escada.” “Ah, o arquiteto tirou.” “Oi? Oi?” Aí eu muito brando, como eu falo eu não tenho paciência para conversar por telefone. O olhar, olho no olho eu consigo me abrandar e ficar mais calmo e por telefone eu não fico. E eu disse a ele, e eu só disse assim: “Quem é o cliente?” eu falei “Você é arquiteto e você importância do briefing.” Eu falei: “Quem é o cliente? De quem é a necessidade?” “não porque tal, tal, tal”. E eu com muito xereta, falo isso porque tudo isso que eu vivi é por causa da minha “xereticidade”. E ele quis me desfazer uma justificativa para não fazer. E eu falei: “Então eu vou saber por onde.” E aí onde eu fui pesquisar no Código de Obras, Código do... Sempre esqueço o nome do bombeiro ...

KGMF: AVCB?

NCA: AVCB, é isso?

KGMF: É, tem o alvará, né? Aí tem as Instruções Técnicas deles.

NCA: Aí eu fui ver pelo quantitativo, não era a ideia original, era só pra gente ter uma melhor circulação na escola.

KGMF: E interligar os pavimentos...

NCA: Isso, aí eu me fundamentei no AVCB porque ele falou que não precisava. A quantidade de pessoas frequentando um andar para um escoamento de emergência. Aí eu fundamentei eu falei para ele: - “Eu continuo querendo a escada e esse acesso, se eu conseguir fundamentar...”. Aí realmente foi meio tipo assim: “eu vou derrubar”.

KGMF: Vai até o fim.

NCA: Eu vou, eu vou até o meu argumento ser vencido. E eu estou dizendo: - “Você não fez vistoria para você dizer que é a laje tal. Você não fez um cálculo, se eu conseguir averiguar que isso é fato, eu vou pedir sua cabeça na bandeja.” Aí isso foi uma discussão feia numa sexta à noite, sexta à tarde. Porque eu não tinha subido e aí me falaram por telefone que ele tinha cotado. Aí na segunda de manhã, eu não sei se ele passou o final de semana estudando. Segunda de manhã, ele falou: - “Professor, tudo bem?” Aí ele falou: “O senhor pode receber uma visita? Eu gostaria de fazer uma vistoria aí.” Aí eu falei: “Quando, agora? Pode vir.” E ele falou: “Não, amanhã.” E eu falei: “Pode vir.” Aí eu já avisei, peguei o seu José, era o Cido, o Nelson (?) e falei: “Pode destelhar que eu quero que ele chegue. Bota escada interna, faz tudo para ele não ter problema na vistoria. A hora que ele chegar é para estar tudo pronto.” E ele foi, fez a vistoria, viu que não tinha problema na laje e liberou a escada. Então o que eu penso...

KGMF: Que beleza, um grande desafio, não?

NCA: Sim, porque o seu ganho que trouxe para a Escola. Mas... eu entendi, a marca do Nilton, e tal, né? Mas tem curso, trazer o curso de Modelagem, trazer o curso de Cozinha. Mas então o que eu penso é assim: Eu acredito e naquilo que eu acredito eu vou até o último suspiro, tipo heróis da resistência.

KGMF: E realmente essa escada foi muito bom para a Escola ali no quesito de acessos. Às vezes o professor está lá no terceiro andar, no aliás do segundo, e vai até o aquele prédio novo, de uma forma muito mais rápida.

NCA: Sim, e outra: - e, também mas foi para atender essa relação da segurança porque não tem só com a escada de mármore não dá vazão. E agora a gente tem a CIPA, então a CIPA sabe, “Olha a salas 12, as salas 10, 11 e 12 escoam para essa escada. As salas é 7, 8 e 9 escoam pela outra.” Então você tem que pensar esse aspecto de como você faz os escoamentos numa possibilidade de incêndio, sendo que o prédio patrimônio ele tem todo o telhado, ele tem situações muito mais inflamáveis do que o outro prédio. Então a gente tem pensado isso.

KGMF: Nilton, e assim é agora já indo para o Centro de Memória. Eu queria saber como que foi possível manter o Centro de Memória durante..., na verdade a sua atuação foi bem relevante, mas queria que você comentasse um pouquinho na sua gestão como foi possível

atuar no centro de memória. Até a questão de formação, manutenção e toda sua postura enquanto diretor frente ao Centro de Memória, também.

NCA: Bem aí também é um outro fato que assim. A gente une as coincidências com intenções, e aí é onde você cria um fato histórico ou no fato que transforma a realidade. O Centro de Memória, então quando eu assumo em 2004, o Centro de Memória ficava no prédio novo, que a gente chama, e ele tinha lá desde o trabalho da professora Maria Lucia Mendes junto com a professora é Eliana Roda onde eles eram agregados: o arquivo deslizante junto com a sala expositiva. E lá tipo, aqui era uma relação “Não-Me-Toque-Não-Me-Rele”, nessa sala, “Ninguém mexe!”

KGMF: Acho que depois do trauma que a escola passou também!

NCA: Exato, tem isso. E aí em 2004 junto também com a professora Carolina Marielle, que é professora na Etec Carapicuíba. E havia as ações do encontro das Senhoras, o chá da tarde. Então é um valor e para mim sempre foi um valor muito grande. Então a gente sustentou lá em cima. Isso 2004 para 2005, mas quando foi meado de 2007, a nossa zeladoria era o seu José com a sua esposa, a família e saíram da escola e aí vagou o espaço que era a casa deles, que por história era espaço da Puericultura, era o Dispensário da Puericultura. Muito mais do que ser a casa deles e aquilo esvaziar-se, era um espaço histórico a gente vai falar de Pompêo do Amaral, que a gente vai falar dos laboratórios, tem muita história que viveu-se naquele espaço. Então e aí ficou naquela: - “Ah, talvez agora um novo espaço para laboratório da Escola...” “Gente, vaga em cima, mas aqui a gente tem uma... como eu sempre digo, a gente tem uma dívida histórica: Aqui é o espaço do Dispensário.”

KGMF: Tem um significado diferente, né?

NCA: Tem um significado diferente. A gente tem uma porta externa por onde chegavam as pessoas. A subdivisão de 1931 é a mesma. Quando entrou a casa dele, eles não modificaram as paredes. Está lá, a porta é a mesma, então tudo está lá tal qual era no passado e o quase perdemos. A bem na verdade, a gente quase perdemos: a bem da verdade que trocou-se um piso. Não era para ter tirado o piso. Enfim, mas que em fotos gente vê assim a área de circulação, mas a gente conseguiu preservar a estrutura principal. Então quando passamos para lá a partir de 2008, foi 7 para 8. Então preservou-se mais ainda. A gente conseguiu ampliar um pouquinho o espaço, o acesso porque está no térreo. Nós não tínhamos elevador naquela época, o elevador só veio também com muita luta de justificando no CONDEPHAAT,

que a gente não estava interferindo na estrutura, era fora. Fazer um elevador intercalado, quer dizer, outra coisa da reforma. A reforma é muito marcante para mim. E aí, com o Centro de Memória no térreo você tem outro acesso e aí quando chegou elevador, tudo bem, é só um desnível. Então você pega o nível zero que é Térreo Oriente, subiu para o térreo Monsenhor e você chega, então a acessibilidade ficou bem mais fácil, do que o outro que estava no segundo andar. Na parada de elevador hoje é a quinta parada. Então era muito distante e não tendo elevador, ali ficou. Então a preservação ali também de direção para direção às vezes, acham que é um espaço morto e não é. Então tudo vai depender muito, aí eu digo aqui, a vida do Centro de Memória depende muito da direção. É a direção ou diretor que melhor vai trazer essa dinâmica do espaço.

KGMF: E até para os professores saberem e divulgarem entre os alunos também. Terem ações para divulgar entre os alunos. Mostrar para dar uma vida também para o espaço.

NCA: E a partir de quando o Centro de Memória foi para o térreo e, aí foi uma concomitância de também de logo depois começarem, eu falo depois da saída da direção, um pedido que eu fiz para a professora Meire quando estava diretora, eu pedi para que o curso de Turismo pudesse entender o Espaço da Memória como um espaço, como laboratório e com a Jornada do Patrimônio que começou em 2015, aí o curso de Turismo passa a apresentar na Escola Centro de Memória e o espaço da escola. Então aquilo também, as Jornada do Patrimônio tornaram-se referência para o aluno de Turismo e abrir o espaço da Escola para a comunidade.

KGMF: Muito legal a iniciativa. Realmente, é um espaço muito significativo. Só uma dúvida: gostaria que o senhor ressaltasse que lugar que era antes. Que sala? Aqui só para eu entender, também que lugar que estava antes de passar para o Centro de Memória atual.

NCA: Hoje, atualmente essa sala é o Laboratório F de Macintosh dos MACs.

KGMF: Ah, ficava ali perto dos laboratórios de Informática, naquela salinha?

NCA: Não, no andar de cima ainda, do lado do laboratório de Química.

KGMF: Ah, no prédio novo, né?

NCA: No prédio novo, exatamente. No andar do anfiteatro.

KGMF: É, agora ali junto ao acesso principal e onde era o laboratório de Puericultura também, muito mais significativo realmente.

NCA: Por mais que os elementos que lá estão contêm uma história, mas o espaço só por ele, vazio já conta sua história por si. Primeiro espaço de Dispensário de Puericultura do Estado de São Paulo.

KGMF: Exatamente, ali nasceu né toda essa questão da puericultura e depois se disseminou para outras escolas também, né?

NCA: Isso, exatamente. Depois vieram outras escolas, mas ali foi o primeiro foi a primeira.

KGMF: Como o Cacá foi pioneiro em várias coisas, não? É muito, muito legal.

NCA: A nossa escola sempre com pioneirismo.

KGMF: Nilton, e para encerrar essa entrevista eu pergunto se o senhor gostaria de deixar registrado alguma outra questão que ainda não foi levantada aqui.

NCA: Olha, eu só digo assim, eu Nilton, tenho muito orgulho de fazer parte dessa história. Isso para mim é muito é emocional, afetivo. Existe, não tem nenhuma diferença disto, existe um emocional, afetivo muito forte nessa relação. Então a minha questão é de puro orgulho. Eu jamais vou esquecer no livro de recordes da professora Laia Bueno que depois que ela faz uma das últimas publicações de colagem de recortes. E eu nunca tinha chegado até, não sei o que aconteceu que eu chegava até ali e voltava do último recorte. E ela deixa uma escrita que é uma escritura pública que ela disse: - “Esses recortes estão aqui para contar história linda que essa instituição teve e que ela contava o apoio daqueles que iriam sucedê-la, em continuar contando a história da Escola.” E a professora Laia tentou fazer no Museu dos Ofícios Femininos junto com a professora Maria Vitorina. Ela foi a grande *caput* na liderança feminina. Uma mulher dentro das grandes Escolas Técnicas da época, e ser uma escola de vanguarda e de pioneirismo. Então o dia que eu li aquilo no Livro de Recortes, me deu um nó. Me deu um nó porque: - E aí eu já estava envolvido com questões da Memória, mas engraçado naquele dia me deu um *start* como se eu estivesse ouvindo a voz dela dizendo: - “Continua!” E aí foi onde eu peguei mais ainda essa relação com a memória da Escola e é o que é um grande mote para mim até hoje. Continuo desenvolvendo algumas práticas para

continuar contando essa história linda da nossa escola. E para que a gente possa deixar esse legado, eu acho isso muito importante. A história é daquela que se conta, e se a gente não conta, quem conta não conta como gostaríamos de contar. E não só gostar de contar, mas de levantar os dados que sejam fidedignos à história. Que fala sobre a afetividade, que é uma escola que foi calcada pela afetividade. Essa questão do feminino é muito da afetividade. Então acho muito importante essa anima, essa alma feminina da Escola.

KGMF: E toda essa história que a escola tem, que acaba fisgando tantas pessoas até hoje, por anos.

NCA: A gente não sabe por que, antes eram alunos de três, quatro anos, mas agora você tem alunos que passam um ano e meio e ele tem uma relação de paixão. Ele fala da escola e ele sente, é algo que está no ar, não é algo físico, é algo que está no ar. Então talvez um dia quando o ser humano conseguir ir além da sua das suas cinco percepções, dos seus cinco sentidos, talvez o sexto sentido possa realmente explicar o que é que exista na Escola, que e a gente sabe que existe algo mas a gente não consegue dar nome nem forma. Mas talvez algum dia alguém diga, mas que existe, existe!

KGMF: Ah, com certeza eu concordo muito com você, Nilton. Muito obrigada pela sua entrevista. Foi muito gratificante poder entrevistá-lo e trazer aqui, contribuir para a história da Escola e tudo o que você já fez pela Escola, e todo ano é uma representação muito forte da Escola. Todo esse seu conhecimento sobre a história dela, que vai passando de pessoa a pessoa ali, sempre tentando manter viva essa história que é tão legal para tanta gente.

NCA: E ainda muito prazer passar a história de ex-aluno para ex-aluno, né?

KGMF: Exatamente, a gente vai fazendo essa troca aqui e tentando manter agora de uma forma gravada através da História Oral, quem sabe deixar isso mais vivo para futuras pessoas quiserem verificar e, toda essa História contado a partir da origem.

NCA: Eu agradeço muito você ter me feito esse convite. Por ter contribuído nesse projeto, nessa História, na parte da História Oral e estou à disposição para o que mais precisar.

KGMF: Obrigada, viu Nilton. Eu agradeço muito.

NCA: Até logo! Sucesso para todos nós, muita saúde!

KGMF: Obrigada.

Descritores

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Kelen Gracielle Magri Ferreira

Nilton Cesar Alves

Educação Profissional

História da Educação

Diretores

Gestão Educacional

Escola Técnica Estadual Carlos de Campos

Escola Técnica Estadual Aprígio Gonzaga

Entrosagem

Escola Técnica Estadual Martin Luther King

Técnico em Edificações

Tecnólogo em Edifícios

Comunicação Visual

Técnico em Desenho de Comunicação

Técnico em Design de Interiores

Arquitetura

Técnico em Decoração

Escritório de Engenharia

Unidade de Infra Estrutura

Ivone Abranches

Curso de Corte e Costura

Ateliê de Costura

Economia Doméstica

Artes Industriais

Edna Santos

Eliane Andrioli

Maria Ângela Silva

Lucimeire Gonzaga de Oliveira

Maria Lucia Pereira de Carvalho

Laura Laganá

Entrosagem

Jetro Miranda

Práticas Profissionais e Tecnologia dos Materiais

Desenho Geométrico

Maria Margarete Campos

Eliana Roda

Maria Lucia Mendes de Carvalho

Sala de Memória

Estágio

Técnico em Turismo Receptivo

Centro de Memória

Sueli Teresa de Oliveira

Luís Hipólito

Marcia Pinto

Maria Lucia Carvalho

Marta Suplicy

Ensino profissionalizante municipal

Educação de Jovens e Adulto

MOVA

Linha Freiriana

Jornada do Patrimônio

Escola para a comunidade

Dados Biográficos do Entrevistado



Nilton Cesar Alves. Possui formação técnica na área de Comunicação Visual pela Etec Carlos de Campos (1984); Graduação em Artes Visuais pela Universidade São Judas Tadeu (1987); Pós graduado em Psicopedagogia pela Universidade São Judas (1989).

Especialização em Estruturas Estéticas pela Universidade de Guarulhos (1991); Especialização em Visão Multidisciplinar em Dança pela Secretaria Estadual de Cultura do Estado de São Paulo (1995); Especialização em Interdisciplinaridade na Educação, pela PUC-SP (1997); Especialização em Desenvolvimento de Produto - Design, pela Faculdade Paulista de Arte (2002). Agrega experiência na área de Educação, tendo atuado de 1988 até 2004 como Professor de Educação Artística, no Ensino Fundamental nas Redes Estadual e Municipal de São Paulo. Além das atividades docentes, atuou em cargos técnico-pedagógicos como Coordenador de Curso Técnico, Supervisor de Estágios, no período de 1992 a 2001, com ênfase em Produção Cultural e Design. No período de 2004 à 2011, participou de dois processos de eleição, sendo eleito pela comunidade escolar para o cargo de Diretor de Escola Técnica Carlos de Campos. Neste cargo, coordenou junto ao Governo do Estado, a instalação de duas Extensões - Classes Descentralizadas de Escola Técnica, na área de Gestão, Turismo e Saúde. Implantou na Unidade Escolar os cursos de Técnico em Cozinha, Técnico Modelagem do Vestuário e Técnico em Turismo Receptivo, todos cursos novos para a cidade de São Paulo. Coordenou junto ao Centro Paula Souza a aplicação dos cursos de Formação Inicial e Continuada PEC/Via Rápida na Unidade Escolar e em Classes Descentralizadas. Atualmente é professor - Nível Técnico no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, em efetivo exercício na ETEC Carlos de Campos nos cursos ETIM, e nos Técnicos Modulares de Comunicação Visual, Design de Interiores e Modelagem do Vestuário. **Fonte:** CV: <http://lattes.cnpq.br/7749752131545318> Acesso em: 05 dez. 2021.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Kelen Gracielle Magri Ferreira nasceu em São Paulo/SP. Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Mackenzie (2004) e em História Pela Universidade Nove de Julho (2020). Graduação em Edifícios pela Fatec-SP (2003), especialização em Design de Interiores no SENAC-SP (2015), Curso Técnico em Edificações no Instituto Federal de SP (1998) e Curso Técnico em Design de Interiores na Etec Carlos de Campos (2005).

Atualmente é professora de projeto na Etec Carlos de Campos (desde 2009) e arquiteta no Banco Itaú-Unibanco (2015). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase nas linhas de educação, com formação pedagógica pelo Centro Paula Souza (2016) e em gestão de projetos, com certificação PMI. Atualmente cursa Mestrado em Arquitetura,

Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/9647062280871723>

Anexos (documentos sigilosos e não público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Nilton Cesar Alves

Termo de Autorização para uso de Imagem de Nilton Cesar Alves